

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosália Lima

LITERATURA, CINEMA E ARTE.

Belo Horizonte
2015

Rosália Lima

LITERATURA, CINEMA E ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Dra. Ana Lúcia Azevedo.

Belo Horizonte
2015
Rosália Lima

LITERATURA, CINEMA E ARTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Aprovado em 09 de maio 2015.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Ana Lucia Azevedo

Dra. Maria Jaqueline de Grammont

Dedico este trabalho aos meus queridos estudantes que se empenharam na realização do projeto, como também aos pais pelo reconhecimento e admiração na finalização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, a minha família e amigos. À turma pelos momentos de alegria e troca de conhecimento. Ao colega Cássio de Oliveira por me proporcionar o conforto de ir e vir, como também ao Reinaldo Feliciano Lima pelo incentivo na iniciação do curso. Às professoras Inês Assunção de Castro Teixeira e Ana Lúcia Azevedo pela dedicação, paciência e compartilhamento de seus grandes saberes.

Resumo

No intuito de uma nova postura educacional em relação às novas tecnologias presentes nos vários grupos sociais, o respectivo trabalho foi realizado com o objetivo de proporcionar a experiência de se fazer cinema com os estudantes do 1º ano do 1º ciclo da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo, no ano de 2014, experimentando a linguagem cinematográfica, adquirindo conhecimentos de forma lúdica, imaginativa e criativa, aliada à cultura literária infantil. Todo o desenvolvimento das atividades foi realizado dentro da rotina escolar desde a apreciação dos curtas, a produção do roteiro, a criação dos cenários e personagens como também a realização das fotos quadro a quadro e, por fim, a montagem do curta de animação. Os resultados foram muito significativos, momento em que a interação entre crianças e professora firmou a cumplicidade entre as partes, tornando-a sem par. A valorização da leitura no cotidiano escolar e familiar, o desenvolvimento criativo das produções textuais, e especialmente o despertar do interesse pela arte cinematográfica veio confirmar o quanto o indivíduo aprende através da ludicidade, do conhecimento tecnológico, da riqueza e da diversidade do trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: Criatividade, interesse, cinema, educação, arte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – Refletindo sobre Literatura, Cinema e Educação	
1.1 Literatura e Cinema.....	9
1.2 Literatura e Alfabetização.....	10
1.3 Cinema e Educação.....	11
1.4 Cinema de Animação.....	13
CAPÍTULO II – Por que o Cinema de Animação no Currículo Escolar.....	16
2.1 Subjetividade das crianças e dos docentes.....	16
2.2 Imaginar como eixo curricular.....	18
CAPÍTULO III– Um percurso didático pedagógico: O cinema na Escola Municipal Maria Modesta Cravo.....	20
CONCLUSÃO.....	35
REFERENCIAS	37
ANEXOS.....	39

INTRODUÇÃO

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui poder em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais, oferecerem os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para ampliação da competência para ver, do mesmo modo que fazemos com a competência para ler e escrever. (DUARTE, 2009, pag.68)

O cinema é uma arte fascinante e incluí-la na escola é fundamental para que os estudantes possam vivenciar, dentro do contexto de ensino e aprendizagem, a produção, a fruição e a reflexão cinematográfica.

A linguagem audiovisual se firmou na sociedade contemporânea. Sendo assim, é necessária uma mudança de postura educacional em relação às novas tecnologias, que estão presentes nos celulares, internet, tablets, máquinas fotográficas e filmadoras.

A escola não pode ficar na periferia dessa explosão tecnológica, pois ela desafia e continuará desafiando o atual sistema de educação. Não se quer dizer que a linguagem escrita e a oralidade se enfraqueceram. Ao contrário, são ações fundamentais para a nossa comunicação. O que queremos dizer é que não dá para priorizar a metodologia de exposição, e deixar a linguagem audiovisual para momentos esporádicos.

São vários os autores que demonstram essa preocupação de aproximarmos a educação e o cinema. Duarte (2009) argumenta que reconhecidamente, o cinema desempenha um importante papel na formação cultural das pessoas, e ver filmes na televisão ou no cinema pode ser considerada uma prática usual em quase todas as camadas sociais, principalmente em ambientes urbanos. Por essas razões, não se pode negar que o cinema também faz parte do universo escolar, pois a escola é transmissora de conhecimento e cultura. Além disso, é um espaço para interagir com a arte, com a linguagem verbal, não-verbal e audiovisual.

A nossa sociedade está a todo o momento interagindo por meios de sistemas online e as crianças estão vivenciando essa nova era ao buscarem conhecer novos recursos para criar e interferir nesse novo mundo tecnológico. E o cinema é um dos meios de proporcionar às crianças, a criação e a efetivação de contato com os sistemas audiovisuais, ressignificando sua vida, estabelecendo, assim, uma interação com o meio de inserção identificando-a como sujeito que faz parte da história do mundo.

Considerando a importância de redimensionar o trabalho com o cinema nas escolas, que não seja simplesmente para preencher horários de professores faltosos ou

mesmo para um objetivo único de entretenimento, este trabalho consiste em realizar na EMPMMC - Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo, com os estudantes do 1º ano do 1º ciclo, o processo de se fazer cinema tendo como foco de permitir que as crianças vivenciem a experiência de apreciação de filmes de desenhos animados, a produção final de um curta de animação, relacionando essas atividades com a literatura infantil.

A experimentação e produção dessa linguagem cinematográfica, aliada a literatura infantil, foi algo inédito na Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo, ao favorecer o interesse pela arte de cinema e literatura, estimulando a aprendizagem, a criatividade e a socialização das crianças.

O *corpus* desse trabalho foi embasado na leitura de livros e artigos que tratam sobre a importância do cinema na escola. É primordial, enfatizar a relação entre a Literatura, o Cinema, a Educação e o Currículo, para que se aponte o processo de se fazer cinema na Escola Municipal Maria Modesta Cravo.

I REFLETINDO SOBRE LITERATURA, CINEMA E EDUCAÇÃO.

1.1 Literatura e Cinema

A literatura e cinema são dois campos distintos de produção, cuja relação pode se tornar possível no momento em que a literatura e o cinema se transformam, quando se encontram. Quando o cinema traduz a literatura, usa outros signos, outra linguagem para transmitir ideias e valores.

As produções literárias e cinematográficas têm suas características peculiares. A literatura possui uma relação com o leitor de forma isolada. Sua apropriação é mais indireta: a imaginação, a criatividade e os valores são apropriados de acordo com a experiência e vivência do leitor. O autor, ao escrever um romance ou quaisquer outros textos literários, tem em mãos o poder da escrita, pois no decorrer da história, é possível relatar os espaços e os personagens de uma forma abstrata. A concretização desses espaços e o perfil dos personagens ficam por conta da imaginação do leitor.

Já o diretor, ao adaptar o texto literário ao cinematográfico, necessita realizar algumas adequações, pois nem tudo é fácil de tornar visível na realização do filme. Sendo assim, o cineasta necessita de muita imaginação e criatividade para dialogar com o texto original.

Em suas produções cinematográficas, o cineasta expressa sua vontade e desejo de acordo com suas experiências de vida, buscando uma interação com o espectador, criando espaços para discussões coletivas. Já o autor, ao escrever uma obra de ficção, tem como objetivo um texto literário que seja capaz de proporcionar ao leitor uma interpretação mais individual.

A literatura e o cinema são obras de artes valiosas com características distintas. Cada uma tem seu valor. A literatura impulsiona, estimula a arte fílmica. E a arte fílmica, também influencia a literatura ao conduzir para um mundo mais concreto, possibilitando possíveis diálogos com várias artes na busca de respostas para as indagações do indivíduo sobre a vida e o mundo.

As crianças, nessa proposta de trabalho, ao adaptar o livro de literatura infantil para a realização de um filme de animação, tiveram a oportunidade de expressar seus desejos e sentimentos através do reconto coletivo, dos desenhos dos cenários e personagens, bem como desenvolveram um olhar crítico e apreciativo em relação às artes

cinematográficas. A cada desenho produzido, as crianças apresentaram alguns traços reveladores de uma autoestima mais elevada, ainda que demonstrassem certa timidez na linguagem oral, escrita e corporal.

1.2 Literatura e Alfabetização.

Quando a aprendizagem da leitura é experimentada não apenas como o melhor caminho, mas como o único para sermos transportados para dentro de um mundo previamente desconhecido, então a fascinação inconsciente da criança em relação aos acontecimentos imaginários e seu poder mágico, apoiará os seus esforços conscientes na decodificação, dando-lhe forças para vencer a difícil tarefa de aprender a ler. (Apud:SARAIVA, 2001,pag.81.)

Alfabetização é ação de alfabetizar; é o ato do ensino da leitura e da escrita. Essa ação é que leva a criança a um novo domínio. O domínio das letras, dos códigos e das mensagens. Ser alfabetizado leva o indivíduo a uma nova condição social inserindo-o em um mundo novo, do qual ele pode participar como sujeito de sua própria história. É através da apropriação da linguagem escrita que a criança tem meios de compreender o real e atuar criativa e criticamente sobre o mundo em que vive.

Na fase da alfabetização, a leitura de textos literários é de suma importância para as crianças, pois é através desses textos que elas têm a oportunidade de ampliar seu imaginário infantil, e conseqüentemente a serem mais criativos em suas produções textuais. Por ser uma fase de autoconhecimento, na qual as crianças buscam sua identidade, a literatura infantil auxilia o desenvolvimento das áreas afetivas e intelectuais, oportunizando o enriquecimento do seu mundo interior, estabelecendo relações com o mundo exterior, abrindo novos caminhos de aspirações. Portanto, a aprendizagem da leitura deve ultrapassar o domínio da decodificação para transformar-se em uma fonte de prazer atendendo as necessidades das crianças.

A literatura como forma de arte libera o imaginário infantil, ao propiciar às crianças condições de elaborar significativamente a realidade e sua interação com ela. Isso confirma que a literatura apresenta duas finalidades: possibilitar a criança compreender melhor o real e as emoções que a literatura provoca e incentivá-la a produzir textos a partir de outros textos existentes.

Geralmente, as diversas narrativas trabalhadas no ambiente escolar se resumem em linguagem oral e escrita. Há que se integrar outras modalidades de discurso como a pintura, o desenho, a fotografia, o cinema e a expressão corporal.

A presente proposta visa promover a articulação entre as crianças do Ensino Fundamental ao valer-se da exploração dos recursos significativos das linguagens presentes na arte literária e cinematográfica, auxiliando-as no seu processo de alfabetização, além de proporcionar a competência para uma leitura compreensiva e a produção de textos escritos e audiovisuais.

A atividade de leitura e de produção de um roteiro fílmico sistematizado e organizado para o trabalho de animação pode ser significativo para as crianças. A finalização do filme pode ser muito mais rica que o roteiro que orientou sua execução, uma vez que a produção fílmica envolve as linguagens oral, escrita, visual e corporal.

1.3 Cinema e Educação.

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais. (DUARTE, 2009, p. 16)

O cinema ainda não encontrou na escola um lugar de destaque. Uma vez que se mostra um importante recurso metodológico para a discussão da subjetividade presentes nos filmes, os valores sócio-políticos e culturais, sua utilização no espaço escolar que contemple esses aspectos ainda é restrito.

No contexto institucional, é possível trabalhar com o cinema de duas maneiras distintas. A primeira é o cinema como arte ao atentar para a própria história da sétima arte, a produção fílmica, a estética, o enquadramento, os sons e os cenários. A segunda proposta é educar para o cinema. A educação pode criar condições para uma “leitura” crítica do filme, debatendo sobre a subjetividade, os valores e identidades sociais nele presentes. Para que isso ocorra, é necessário que o educador aprenda as especificidades das obras fílmicas, vivencie a experiência estética que é essencial na construção de significados. Com tudo isso, o educador terá parâmetros que o oriente no trabalho escolar com os seus alunos.

De acordo com Teixeira e Lopes (2014), é necessário despertar nas crianças o fascínio, a magia que o cinema proporciona, contudo combatendo qualquer tipo de massificação de narrativas, de signos que se procure impor em quaisquer esferas sociais. Isso não quer dizer que deve haver restrições ao prazer que o cinema oferece, mas é

fundamental que esse sujeito espectador não se limite a ser um mero consumidor passivo.

O cinema, com todo aparato tecnológico, encanta a maioria das pessoas tornando-se um facilitador da aprendizagem. Por este motivo, ele se torna um formidável instrumento de intervenção pedagógica e de pesquisa na educação. Teixeira e Lopes (2014) apontam para o fato de que não se trata de escolarizar o cinema ou transformá-lo em um novo recurso tecnológico na educação e no ensino. O cinema permite a experiência estética e o acesso às múltiplas linguagens ao desenvolver no sujeito a sensibilidade, a imaginação e a criatividade. De todas as artes como a literatura, a pintura, a música, o cinema deve também ser um meio de se compreender os problemas mais complexos do presente tempo e da própria existência. Teixeira e Lopes (2014) também pontuam que é função da escola realizar um trabalho sensibilizador das novas gerações para essa linguagem cinematográfica ao facilitar uma leitura crítica e sensível do mundo e da vida dialogando e refletindo sobre as subjetividades presentes além dos perigos e armadilhas que elas comportam.

Por outro lado, Bergala *apud* FRESQUET (2013, p.45) pretende deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura “criativa”. Ele sugere que o espectador se coloque no lugar do autor. O porquê de suas escolhas no processo de criação do filme. Quais as emoções e incertezas que estão presentes. “Nesse “faz de conta” o espectador pode compartilhar mais aspectos não racionais, mais intuitivos e sensíveis da vivência do artista, que são fundamentais para quem pretende aprender uma arte.”.

O cinema como forma de criação artística representa as múltiplas linguagens, oral, escrita, corporal, plásticas e outras que possibilitam o sujeito a vivenciar diversas experiências, o capacitando para intervir no mundo de forma crítica, imaginativa e criativa. Portanto, ao ampliar seu repertório linguístico e cultural, o indivíduo está aprendendo arte – o que implica na aproximação da arte com a educação. A experiência da arte é “uma expressão de olhar que organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo, e essas ideias postas em movimento nos fazem compreender e dar sentido as coisas.” (TEIXEIRA e LOPES, 2014, pag. 10). O cinema não só produz significados e valores, mas também arte. E fazer cinema na escola é o resultado de um processo coletivo e cooperativo de produzi-la.

As atividades de arte realizadas na instituição escolar estão mais voltadas para o colorido, à colagem e o recorte. E o cinema na escola, volta-se para o entretenimento ou para a culminância de um projeto escolar. Sendo assim, o cinema passa a ser um fim de um trabalho e não o começo. A maioria dos profissionais não compreende que no cinema encontram-se múltiplas possibilidades de ampliação do currículo escolar, tornando o ensino e a aprendizagem mais prazerosa e significativa para os estudantes.

1.4 Cinema de animação

Entre as modalidades do universo técnico do Cinema de animação está o desenho animado. Quando se fala em cinema de animação, os olhares se voltam para Walter Disney (1901-1966), mas ao contrário do que se pensa “Disney não é o criador do desenho animado, no entanto, foi o primeiro a compreender que a produção de desenhos animados de qualidade dependia da organização de uma verdadeira indústria paralela à indústria do cinema”. (NEVES, 2007, p.103).

O cinema de animação pode ser considerado como arte industrial, e sua produção está dependente economicamente do mercado e da tecnologia, “ele também pode e nos permite reflexões e questionamentos sobre a percepção que temos da realidade, da sociedade e do mundo” (NEVES, 2007, p.103). Desta forma, parte-se do pressuposto que os filmes animados da Disney produzem uma pedagogia desde a infância, e como tal, passam a representar o mundo; produzem conceitos ou pré-conceitos sobre diversos aspectos sociais, influenciando a forma de agir e pensar, e de estar nesse mundo.

Os filmes animados estimulam a fantasia e a imaginação, mas precisa se atentar, pois os filmes de animação operam com outros registros, “ensinando”, exercendo forte influência sobre as crianças. É necessário explorar desde o imaginário infantil, a crença de que a felicidade é sinônima de riqueza. Os grandes castelos com uma princesa branca, de cabelos lisos, ao lado de um belo príncipe. Isso retoma aquela família perfeita, intacta de classe média e alta, composta por homens e mulheres.

Na atualidade, o modelo de família não é o mesmo em que os componentes familiares são compostos por homem, mulher e filhos. O conceito de família foi redimensionado sob um novo olhar, e respeito à diversidade. Quando se fala em famílias “desestruturadas”, deve-se que refletir sobre a composição de uma família na modernidade e que tipo de valores e preconceitos, se estabelece para esse grupo

familiar. Outro ponto a ser discutido são as relações sociais e econômicas, nas quais a maioria das crianças negras “acredita” ser inferior às crianças brancas. Os próprios filmes infantis tentam reforçar esse paradigma de beleza ao preconizar os seus príncipes e princesas brancas.

A Disney, para garantir o seu poderoso império econômico e político que arrecada milhões com filmes, ao lançar produtos associados aos filmes e personagens. Daí, surge a infância consumidora tornando-se necessário discutir o alcance desse domínio da Disney no mercado cinematográfico.

Não se trata de criticar tão somente a indústria Cinematográfica da Disney em especial no universo infantil, como uma empresa ideologicamente reacionária e conservadora, que mascara seu poder ideológico sob o disfarce de entretenimento. Tão pouco se deve cultuá-la como fonte inigualável de prazer, alegria e felicidade para todas as crianças do mundo. Na verdade, ela opera nessas duas frentes. Sua capacidade, reside no exercício cuidadoso de envolvimento de antever as necessidades, interesses e fantasias das crianças e realizá-las através do cinema. Portanto, descartá-los simplesmente e/ou coibir e regular sua exibição em ambientes familiares e escolares, em nada vai ajudar as crianças a pensarem que existe outro modo de viver e de ser, diferente do que o protótipo veiculado pela indústria cinematográfica.

Os filmes animados da Disney devem ser questionados como importante local de produção da cultura infantil. Como relata HENRY GIROUX (2001), o filme de animação produz significado e veicula representações através de arranjos intencionais de som, fala texto e imagem. Trazem repetidas representações sociais dominantes em relação a gênero, raça, classe social, etnia, sexualidade. Analisa ainda os seguintes filmes: A Pequena Sereia (1989), Bela e a Fera (1991) e o Rei Leão (1994) quando salienta que são filmes em que as personagens femininas são subordinadas ao masculino em termos de poder e de desejo. No desenho animado de Aladim (1992), o preconceito racial é bem explícito nas características do personagem principal que traz “o mocinho” de nariz pequeno, que não tem barba e não usa turbante. Já os vilões surgem de barba e nariz grande, olhos sinistros e sotaque agressivo.

Os filmes da Disney e outros não podem ser somente objetos de entretenimento, de fantasia e emoção. Ao assisti-los, deve-se realizar reflexões posteriores, pois o filme de animação é contagiante, e as variadas simbologias podem passar despercebidas pelo adulto e principalmente pela criança. De alguma forma, os filmes estão narrando

concepções de valores, e ensinando “algo para alguém”. Por isso, devem ser considerados objetos significativos de aprendizagem e ser incorporados no currículo escolar como conteúdo de análise crítica política e social.

II POR QUE O CINEMA DE ANIMAÇÃO?

De acordo com PARAÍSO (2010, p.153), “Um currículo é um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida; com diversas possibilidades de modos de vida de povos e seus desejos. É um artefato com um mundo a explorar.” Tudo pode caber em um currículo, o difícil é romper com o já conhecido e o desejo é algo muito difícil de ser produzido em um currículo.

Um currículo significativo é aquele que desperta na criança o desejo de aprender, de criar, de construir, de refletir sobre os problemas do mundo e enfrentar as dificuldades encontradas no seu caminho, capacitando-a para a solução desses problemas. Como relata PARAÍSO (2010, p.154) “É possível construir nos currículos encontros convenientes para fazer crescer essa potência da vida, conjugada a alegria de se viver”. Para isso, devemos proporcionar uma multiplicidade de textos, conversas envolventes que talvez consiga estabelecer esse encontro com o desejo, com a vontade do sujeito de criar e expandir horizontes, conquistar novos espaços de conhecimento.

Impor um currículo sem levar em consideração a necessidade do sujeito, pode levá-lo ao desânimo, à apatia e, conseqüentemente, ao fracasso escolar. Nesse sentido, um currículo deve se afastar da intenção de querer a todo custo, impor um determinado objetivo a ser alcançado em um determinado tempo. De acordo com PARAÍSO (2010), o planejamento curricular é necessário, mas este não pode aprisionar o trabalho em sala de aula. “É do inusitado que nasce o currículo-desejo. Ninguém sabe antecipadamente como se aprende, é uma longa história de experimentação”. (PARAÍSO 2010, pag.157).

O cinema de animação, incorporado no currículo escolar, é uma grande possibilidade de criar espaços para que este desejo esteja presente na interação das crianças com a produção cinematográfica.

2.1 Subjetividades das crianças e dos docentes.

“Na contemporaneidade, a infância tem sido narrada de diversas formas e por diversas instâncias sociais.” (SILVA, 2010, pag.117). Algumas esferas como igreja, televisão e literatura têm produzido sobre o que é ser infantil nos dias atuais. SILVA (2010) define o que é ser infantil na sociedade contemporânea ao analisar três filmes de animação lançados pela Disney/Pixar, nos últimos anos: Toy Story (1995), Monstros S/A.

(2001), Procurando Nemo (2003) e Os Incríveis (2004). Esses filmes foram escolhidos por terem crianças como personagens principais e/ou secundários. O objetivo é discutir como a infância é narrada nesse artefato cultural contemporâneo, que está cada vez mais presentes nas escolas.

Nos filmes citados, há uma repetição da ideia de que as crianças possuem uma grande energia e agitação. Em Os Incríveis, o personagem Flecha tem o poder da velocidade. Em Toy Story, o personagem Sid destrói seus brinquedos e anda velozmente de skate pelas ruas e também em Monstros S/A, a menina atravessa a porta e não consegue ficar quieta um minuto, apavorando o Monstro Azul. Essa ideia é uma forma de levar as crianças a se envolverem com a história. De certa forma, algumas delas se identificam com o filme e seus personagens. Pode se afirmar que os filmes procuram capturar os adultos e crianças que vivem nesta contemporaneidade, que valorizam toda essa velocidade e energia. Verifica-se também que, nas narrativas, há algumas estratégias que indicam como controlar essa energia. No filme Os Incríveis, a mãe de Flecha é uma vigilante constante que o ajuda a canalizar suas energias, obedecendo às instruções de seus pais.

Outra ideia que aparece nos filmes é o comportamento “inadequado” de algumas crianças. Sid, a criança que destrói os brinquedos em Toy Store; Darla, no filme Procurando Nemo, assusta todos os peixes; Os Incríveis, mostra que o filho causa toda uma desordem na cidade, por não obedecer a seus pais. O comportamento infantil divulgados nessas obras evidencia pessoas desordeiras que não seguem regras ao desobedecer aos adultos. As histórias tentam chamar atenção das crianças para alguns comportamentos negativos, capazes de levá-las a alguma punição. A intervenção do professor nesse momento é de suma importância, pois é ele que terá que utilizar estratégias para reconduzir essas condutas desfavoráveis à socialização escolar da criança.

Outro ponto citado por (SILVA, 2010, pag.125), é a respeito da escola nesses filmes. O peixinho Nemo simboliza uma criança com vontade louca de ir para escola. A escola é representada com muitas cores, onde professor leva todas as crianças em suas costas para explorar o ambiente aquático. Ele, o “Tio Raia” é apresentado com características completamente diversas e se destaca pela alegria com que conduz sua aula. Essas características da subjetividade é que estão sendo muito valorizadas pelo discurso contemporâneo, sobre a educação na escola.

No filme *Os incríveis* (2004), a criança não deseja ir à escola. A atribuição da escola está atrelada ao mau comportamento da criança. A escola e sua organização não conseguem controlar Flecha. O professor fracassa nessa tarefa. De acordo com a autora, são duas escolas distintas. A primeira é divertida, colorida e alegre. A segunda, ultrapassada, incapaz de cumprir sua função educativa. “A escola de *Os Incríveis* é uma instituição austera e, aparentemente, rigorosa” (SILVA, 2010, pag. 123.) Nessa escola estão presentes vários elementos daquilo que a teorização educacional nomeia como escola “tradicional”. O filme parece criticar a instituição escolar, considerando-a incapaz de lidar com a nova infância.

Os filmes ajudam a construir não somente as subjetividades das crianças, mas também, a subjetividade dos adultos. A escola é uma importante instituição social, por isso é imprescindível refletir sobre esse papel bem como sobre o processo de aprendizagem a que se propõe e sobre os instrumentos que o favoreça.

2.2 Imaginar como eixo curricular

Cabe à docência, mobilizar a atenção e a investigação, ainda na infância, para que se forme um adulto criativo. O que o aluno aprende na escola, é fruto de um exercício de imaginação e de estudo. Imaginar tem uma relação próxima com relação de pesquisar. (Lima, 2011.)

A imaginação tida como algo inerente aos seres humanos. LIMA (2011) salienta que é através da imaginação que as idealizações mentais, a solução de um problema ou a busca de novas invenções tornam-se capazes de modificar e/ou modificaram o curso da história da humanidade. Portanto, o exercício dessa prática deve estar presente no contexto escolar.

O que LIMA (2011) diz é que a escola tem que trabalhar com a imaginação da criança desde os anos iniciais de escolarização, pois é nesse trabalho que os processos imaginativos são intensamente desenvolvidos. A escola é um espaço de cultura, criação, transformação e transmissão. Portanto, é um lugar de experimentação, de vivências e trocas de conhecimento, e tudo isso fica guardado na memória do indivíduo.

A memória é algo espetacular. Sem ela, não se realiza conexões com outras experiências vivenciadas. A imaginação busca na memória recursos para novas configurações. Portanto, memória e imaginação estão muito próximas, pois a imaginação recria com elementos da memória.

Inserir no currículo escolar a “imaginação”, é fazer com que esta seja uma prática escolar oportunizando as crianças o desenvolvimento de sua criatividade, permitindo inovar, projetar soluções para problemas do presente e do futuro.

A escola é uma fonte de processos imaginativos. É preciso desenvolver a imaginação da criança e recorrer a ela para a aprendizagem. Como cita Lima (2011), “Mobilizar a imaginação é função da docência. Cabe ao professor criar o contexto para que a imaginação seja evocada e desenvolvida. Cabe a ele também, formular questões que ampliem o impacto e a utilização do conhecimento adquirido.”,

O cinema auxilia muito a mobilizar essa imaginação, “o cinema serve para a emancipação do imaginário, para possibilitar o sonho, para o exercício criativo e para a experiência de palavras, para nos emocionar por meio dos elementos visuais e sonoros.” NEVES (2007, p.103).

III Um percurso didático: O cinema à produção cinematográfica na Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo.

O Projeto “Cinema, Literatura e Arte”, foi realizado com os estudantes do turno da tarde, cursando o 1º ano do 1º ciclo da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo, no ano de 2014.

A Escola está localizada no bairro Cidade Nova, regional Nordeste de Belo Horizonte. A maioria dos estudantes reside no entorno do bairro. A Escola é considerada pelos pais como uma ótima instituição de ensino, pois há uma procura enorme de vagas no ciclo inicial. A maioria desses pais procura adquirir um comprovante de endereço de conhecidos do bairro Cidade Nova para cadastrar seu filho ou filha, mesmo tendo condições de pagarem uma escola particular. Portanto, são estudantes que não moram na proximidade da escola. A instituição possui 16 salas com um pequeno espaço no pátio e cantina. Há um auditório que é utilizado como sala de vídeo. Uma biblioteca pequena, com uma diversidade de livros literários. Uma quadra grande e um pequeno parquinho. Do lado da escola, há uma área verde a qual não é frequentada pelos alunos, uma vez que o terreno é acidentado, apresenta um declive acentuado, demandando um número adequado de profissionais até a chegada da arena.

O grupo de estudantes que participaram do projeto foi composto por 25 alunos na faixa etária de cinco a seis anos, sendo 14 meninas e 11 meninos. No grupo há um cadeirante, sem comprometimento intelectual e uma criança com laudo de “Síndrome Velocardiofacial”¹. As crianças apresentam boa desenvoltura de linguagem, são participativas, adoram ouvir e representar histórias. São oriundas de classe média, possuem o hábito de ir ao cinema, shopping e teatro. A maioria lê pequenos textos, encontram-se alfabéticas na escrita. Produzem pequenos textos individuais e coletivos.

O projeto iniciou com encontros semanais de 30 minutos, em que foram exibidos curtas para apreciação das crianças. Os curtas foram um recurso bastante significativo,

¹A Síndrome Velocardiofacial, ou Síndrome da deleção 22q11.2, é uma condição genética caracterizada por desenvolvimento anormal do arco faríngeo que resulta em defeito no desenvolvimento das glândulas paratireoideas, timo e região conotruncal do coração. Indivíduos afetados podem apresentar anormalidades funcionais e estruturais do palato, defeitos cardíacos, características faciais únicas, fala anasalada, dificuldades no aprendizado e hipotonia.

http://www.centrodegenomas.com.br/m672/testes_geneticos/sindrome_velocardiofacial_-_mlpa
- Acesso em 03/02/2015

pois as crianças não cansavam e não se dispersavam facilmente. Ao contrário, elas pediam, a cada exibição, que passassem novamente. No final do filme, a mensagem nele contida era discutida, comentados os recursos utilizados como sombra, os desenhos e os enquadramentos; a trilha sonora, a linguagem audiovisual verbal e não verbal das personagens.

Os curtas-metragens exibidos, seguiram uma sequência desde os realizados por profissionais com recursos tecnológicos avançados aos realizados por iniciantes, adultos e crianças, com recursos precários. A escolha dos filmes foi feita a partir da observação, análise e intuição da professora, pois ela tinha o objetivo de mostrar aos alunos que existiam condições de se realizar o trabalho, mesmo não tendo toda a tecnologia avançada da atualidade. Pautou-se ainda, o valor estético e pedagógico dos filmes. O incentivo foi fundamental para que fosse obtido o resultado esperado.

Após a exibição do filme O Pinóquio (1940), as crianças descobriram que havia o livro na biblioteca da escola e ficaram encantadas de tê-lo nas mãos, um livro que contava a história de um filme. Pediram para que a professora contasse a história em sala de aula.



Figura 1: Sala de vídeo da EMPMMC



Figura 2: Sala de vídeo da EMPMMC

No cotidiano da sala, as leituras de histórias infantis, ora escolhidas pela professora, ora alunos são realizadas. Os estudantes relacionavam a existência de filmes

baseados em algumas dessas histórias: A Bela e a Fera, Branca de Neve e os Sete Anões, além das histórias em quadrinhos como “A turma da Mônica”.

Os curtas-metragens exibidos, tiveram uma sequência desde os realizados por profissionais com recursos tecnológicos avançados, aos realizados por iniciantes, adultos e crianças com recursos precários. A escolha dos filmes foi feita a partir da observação, análise e intuição da professora, pois ela tinha o objetivo de mostrar aos alunos que teriam condições de realizar o trabalho mesmo não tendo toda a tecnologia avançada da atualidade como também, o valor estético e pedagógico dos filmes. O incentivo foi fundamental para que tivessem o resultado esperado.

Aprender a Aprender (2005) é um curta que as escolas costumam passar para os professores no intuito de analisar o papel do professor em relação à aprendizagem do aluno. Por outro lado, a mensagem do filme foi de grande riqueza para as crianças ao perceberem que às vezes é com o erro e acerto que se aprende. Que nunca se deve desanimar ou desistir de aprender algo novo. As crianças analisaram direitinho quando o aprendiz teve que fazer a cerâmica por várias vezes, até chegar à perfeição. E por fim, para que o resultado dê o brilho esperado, é necessário implantar amor para que no final, tudo dê certo.

Um exemplo desse fato é de um aluno que apresenta dificuldades na leitura e na escrita, se nega a aprender e solicita a todo o momento a presença da professora. “- Eu não sei professora. Pode me ajudar?”. – O que essa criança deseja é que se faça e dê resposta prontas. Os colegas de sala ao assistirem o filme e diante dessa situação se viraram para a criança e disseram: “Aprenda a Aprender, colega!”. A criança arregalou os olhos e começou a rir. Percebeu que ele teria que fazer algo para mudar essa situação.

Outro curta assistido foi O Monge e o cãozinho (2013), que mostra a amizade de um cão com um monge. O monge, na sua impaciência com o cão, joga uma bola de cima de um monte e o cão, ao tentar pegá-la, cai da ribanceira. Depois, o monge arrependido, vai resgatá-lo. No debate, falou-se da tolerância com os amigos e da atenção que se deve a fim de não ofendê-los. Nesse filme, discutiu-se mais as imagens das cenas. O enquadramento, o cenário, as sombras, as expressões corporais dos personagens, quando aos pequenos detalhes que foram apontados. As crianças estabeleceram uma comparação deste curta com o “Aprender a Aprender”. Fizeram a relação entre as músicas, o local fechado do primeiro curta e o local aberto do segundo; o que mais

gostaram e o que não gostaram. Pediram para assistir novamente o primeiro curta e assim foi feito.

Parcialmente Nublado (2009), curta produzido pela PIXAR, trata das diferenças e da amizade. Esse filme apresenta um diferencial em relação aos dois primeiros - os recursos tecnológicos utilizados. Um filme de diversão para as crianças. Durante a exibição, elas se divertiram bastante com as dificuldades pelas quais a cegonha passava. Perceberam que mesmo assim, não deixou de ser amiga da Nuvenzinha. O curta tem um lado de magia, de felicidade e diversão. Situações bem explícitas durante a exibição. A magia proposta não se limitou à tela. Ao contrário, as crianças iam criando novas situações para a cegonha. “- Já pensou se a nuvem criasse um filhote de tubarão? - Se fosse um gambá, então!” As crianças caíam nas gargalhadas.

Fluffy Mc Cloud (2010), curta que tem a mistura do desenho com pessoas reais. Ao assisti-lo, os alunos tiveram a experiência de vivenciar as andanças da nuvem em relação às pessoas que se encontravam no chão; a interação da nuvem com essas pessoas abaixo, ora com alegria, ora com raiva.

A maior flor do mundo (2007) é um filme todo construído em massinha para modelar. Baseado no livro infantil de José Saramago, o enredo traz um menino que mora na cidade e vai até o fim do mundo para salvar uma flor que está prestes a morrer. O tema central é a preservação do meio ambiente. Os alunos ficaram bastante comovidos com a atitude do personagem principal da história.

As crianças, ao retornarem para sala, pediram para fazer o desenho da maior flor do mundo. Foi uma grande surpresa, pois os desenhos estavam lindos e com mensagens pontuais em relação à preservação do meio ambiente.

Lição de Vida (2011) conta a história de um coelho alegre, de bem com a vida e que gosta de contemplar as flores e borboletas. Mas ele é atormentado por três esquilos de má índole, matando suas adoráveis borboletas e o enxotando-as daquele lugar. As crianças se divertiram muito com a lição que o grande coelho resolve dar aos três travessos esquilos. Lição de vida (2011) foi um filme divertido, contudo ao se fazer uma análise mais detalhada, percebe-se que o curta pode ser uma ferramenta perigosa. O coelho resolve dar uma lição nos esquilos, mas suas ações são violentas, do mesmo modo que os esquilos estavam agindo. A situação que devia ser discutida posteriormente, caiu no esquecimento.

A exibição dos curtas era geralmente feita antes do recreio, porém nesse dia ocorreu no final do horário. O debate sobre o filme e as demandas apresentadas estava ocorrendo, mas foram interrompidos pelo sinal de saída do turno.

João, o galo desregulado (2013) é um filme todo cantado e com rimas. A linguagem é leve, divertida e emocionante. A história fala sobre o galo João que não faz distinção entre o dia e a noite para cantar, aliás, prefere cantar a noite e dormir de dia. Acontece que tudo começa a desregular, o sol nasce à noite e a lua de dia. Os pingos da chuva despendem-se para a cima e o galo começa sua cantoria durante o dia, o que incomoda um vizinho. Os alunos adoraram. Esse filme teve que ser exibido por três vezes. As crianças decoraram a música, e toda vez que era exibido, elas passaram a fazer parte da narrativa. Dançavam e cantavam com o galo – o que configurou ser uma grande festa.

Inserir cinema de animação é proporcionar às crianças essa alegria, em contraponto aos conteúdos rígidos na sala de aula. De acordo com PARAISO (2010), a imposição de um currículo pode levar à tristeza, impedindo o educando a ampliar seu território, de descobrir novos caminhos de conhecimento.

Num segundo momento, realizaram-se exposições de curtas mediados por literaturas infantis, bem como filmes realizados por crianças de outras instituições. O roteiro, os desenhos, os diálogos foram referências para a criação de animação das personagens, para o projeto Literatura, Cinema e Arte.

Enfim, Os curtas foram exibidos com a finalidade maior de incentivar os alunos a criarem um filme com adaptação de um livro infantil, como também a descoberta de outras linguagens cinematográficas. Outros curtas, do Projeto Animando Vidas, coordenado por Hygor Amorim, também foram exibidos: **O Menino Terra** (2010), **Segunda Chance** (2011), **As aventuras de um Rabanete** (2009) e **Vida de Vaca** (2008) incentivaram a professora na realização do trabalho com seus alunos.

No final do período de exibição dos filmes, os alunos teriam que imaginar uma história que gostariam que fosse exibida num filme produzido por eles. Todos ficaram interessados com a proposta.

No dia seguinte, ao solicitar o relato das crianças a respeito da história que originaria o filme, surgiu apenas uma bastante confusa. Por mais que tentassem encontrar um início, meio e fim, iam se enrolando, dificultando cada vez mais a compreensão do grupo.

De acordo com as proposições curriculares para o Ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (2010, p.38), é necessário desenvolver atividades sistemáticas que auxiliem no desenvolvimento de habilidades da linguagem oral. É importante fazer com que as crianças atuem com textos orais em diferentes situações de comunicação, através de um processo sistemático e gradual durante todo o ciclo de alfabetização. A escola, no trabalho com a fala, deve oportunizar aos alunos a observação e a análise de determinadas práticas orais, como também, respeitar as variações linguísticas entre os sujeitos e seu meio, contribuindo para que ele aprenda a utilizar a linguagem adequada, de acordo com o contexto de comunicação. É importante pontuar que:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança da criança em si mesma e isso ela adquire, se tiver um ambiente favorável para suas manifestações. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno, depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite as diferenças e as diversidades. (PCN, 2001, pag. 49)

Um dos entraves para a produção do curta dentro do projeto Literatura, Cinema e Arte foi a dificuldade dos estudantes em expressar uma sequência lógica dos fatos dentro da história que se pretendia mostrar. A criança ao tentar relatar uma história, pode demonstrar certa timidez tanto na fala quanto em sua expressão corporal. Não conseguir relatar a sequência de ideias, realizando uma mistura de linguagem informal, buscando a linguagem formal. É preciso trabalhar a linguagem formal em situações reais, para que esse tipo de discurso faça sentido para a criança. Por isso, desde muito cedo, é necessário que ela participe de situações em que necessite planejar a sua fala, vendo-se como produtora de textos orais. Os diferentes modos de fala e as diferentes linguagens constitutivas da produção discursiva podem ser trabalhados como importantes recursos comunicativos, quando da efetiva inserção das crianças em práticas de gêneros orais.

Esse trabalho pode ser efetivado, quando os estudantes tomarem consciência que esse tipo de comunicação consiste numa das atividades importantíssimas para a ampliação de sua competência de oralidade e, conseqüentemente, em suas produções textuais.

Não havendo sucesso na criação do enredo, e temendo a dificuldade na criação do cenário e dos personagens, a professora optou por escolher o livro, “O Caso das Bananas”, de Nilton Célio de Oliveira Filho e Mariana Massarani. O livro contém ilustrações e vocabulário simples, um número significativo de personagens que são

animais - o que ofereceria oportunidades a toda turma de criar o seu cenário e o seu personagem. A escolha do livro se deu através de uma busca na biblioteca da escola pela professora, e depois negociada com o grupo.

Realizaram o reconto coletivo, que apontaria o enredo. A produção foi bem fiel à história, havendo mudanças em algumas falas dos animais. Houve uma situação em que na história original, a onça-pintada em sua fala diz “não quero jogar pedra no vizinho”. Os alunos utilizaram a frase “não quero jogar meleca no vizinho”. Houve a tentativa de retirar a palavra meleca do reconto, por ser uma ação não muito agradável. Mas o reconto era produção da turma, que insistiu em colocar tal expressão, por acharem a situação engraçada.

A produção coletiva exercita a linguagem oral, a sequenciação de ideias, a competência de escolher, avaliar e decidir, o saber ouvir, respeitando a opinião dos colegas, a autonomia e a autoestima da criança em que ela perceba que suas contribuições são significativas e importantes para o coletivo.

O trabalho em grupo é de suma importância nas atividades em sala, pois oferece oportunidades para que o estudante interaja com os seus pares, criando laços de respeito e cooperação percebendo que no coletivo, podem ser mais criativos e produtivos. A disposição das crianças em realizar o roteiro do filme, envolveu questões cognitivas e emocionais que são fatores essenciais para aprendizagem. “Aprender a conviver em grupo supõe um domínio progressivo de procedimentos, valores, normas e atitudes.” (PCN, 2001, V. 1, pag.98).



Figura 3: Sala de aula EMPMMC

Após o reconto deste trabalho, cada criança produziu o desenho de um cenário, onde poderia acontecer a história. Inicialmente, o desenho foi realizado em papel ofício A4, uma vez que as crianças de seis anos possuem o hábito de utilizar muito a borracha até chegarem ao desenho final - situação que prejudicaria na hora de realizar as fotos por conter sombras de riscos apagados. Após a definição dos desenhos, esses foram redesenhados em outra folha de maior tamanho. Poucos foram os alunos que

tiveram dificuldades para ampliar o seu desenho. Para solucionar o problema, a professora deu os primeiros riscos, ampliando o desenho original e a criança dava a continuidade.

O trabalho final dos cenários surpreendeu a todos pelas cores e a criatividade. Na faixa etária de seis anos, as crianças utilizam a referência do outro. Mas, cada uma delas, apesar de terem se sentados em duplas, realizou um traçado diferente. Isso possibilitou a apresentação de vários cenários no desenrolar da história.

Após o cenário, iniciou-se a criação dos personagens.

Houve certa ansiedade de que forma fariam os desenhos, para colocá-los na animação. O desenho detalhado, abrindo e fechando a boca, abrindo e os olhos, mexendo as patas. Surgiu a dúvida “Será que as crianças conseguiriam desenhar tantos animais em uma sequência de movimentos?” - Esses personagens deveriam ser do mesmo tamanho, mesma cor, mesmos olhos, mesma boca.

Para as crianças compreenderem como se faz animação de desenhos, passamos um slide retirado de um site da internet². Alguns alunos já sabiam que o desenho animado era feito por vários desenhos colocados em sequência e comentaram o fato.

Organizados em dupla tiveram a função de desenhar um animal. A girafa, o elefante, a zebra, a coruja, cobra, canguru, onça, leão, macaco, raposa, bem-te-vi e lagarto. Algumas duplas por sentirem dificuldades de desenhar, solicitaram o livro para que fizessem a cópia. Foi o caso da coruja, raposa, macaco, onça e zebra. O primeiro desenho pronto foi o da girafa. Recortada, colocada em um dos cenários, fotografadas pelo celular da professora em dez sequências de movimento. As fotos eram passadas em uma sequência rápida, para visualizarem a primeira experiência do filme de animação.



Figura 4: Sequência de fotos quadro a quadro.

Houve nova tentativa na realização de novos desenhos dos personagens. Os alunos teriam que fazer os mesmos desenhos, mas agora tentando colocar hora o animal

²marianacaltabiano.com.br/livro-desenho-animado.html, acesso em agosto de 2014.

de boca aberta, hora de boca fechada. Os olhos ora abertos ora fechados. Uma pata à frente, outra atrás. Situação que ficou complicada. As bocas fechadas e abertas eram feitas, mas as personagens eram coloridas de cores e tamanhos diferentes. Mas enfim, ficaram prontas. Juntou-se todo o material produzido para organizar a edição.

Com o roteiro, o cenário e as personagens prontos, teriam que partir para uma nova etapa. A execução do filme. O momento não foi muito tranquilo. Como dar animação aos desenhos de crianças de seis anos com qualidade, com uma professora tão inexperiente quanto elas na edição de filmes?

Uma opção era o *stop motion*, pois há vários editoriais ensinando a técnica.

Antes mesmo dos alunos tirarem as fotos dos personagens no cenário, a professora com a sua inexperiência tentou realizar esse processo em casa. O enquadramento dos cenários, o movimento dos personagens, tudo isso teria que ser experimentado antes. Foram várias tentativas de posicionamento da máquina no chão, em cima da mesa de vidro, em cima de livros e, finalmente, em uma caixa. As fotografias deveriam ser tiradas de cima para baixo. O pequeno suporte com a máquina foi preso por uma fita adesiva, em uma caixa de 30 centímetros. A caixa encontrava-se no chão, dando altura à máquina. Os cenários e personagens foram colocados a mesma distância de 30 centímetros do chão. Antes de executar as fotos, foram organizadas as sequências dos cenários com as personagens de acordo com o desenvolvimento da história - o que facilitou o trabalho em sala de aula.

Em sala, as crianças foram organizadas em círculo, e no centro estava a mesa do professor com a caixa, o suporte com a máquina fotográfica, presa com fita crepe. Em grupo de cinco, as crianças se dirigiam ao centro para fotografarem o cenário com as personagens em movimento. A partir de um novo cenário, outro grupo realizava as fotografias. Cada grupo participou duas vezes durante o processo.

Esse trabalho de fotografias foi realizado em uma tarde na escola. Os alunos participaram efetivamente nesse dia, ansiosos que chegassem o momento de seu grupo. Não houve indisciplina, cansaço ou desânimo da turma, apesar dos grupos terem que aguardar um tempo para executarem a tarefa.

Nesse dia, a coordenadora entrou em sala para dar um recado e antes disso, surpreendida com a nova organização, ocorreu o seguinte diálogo:

- Acho que não cheguei numa boa hora. (Coordenadora)
- Claro que sim! Estamos fazendo o projeto filme de animação na escola. (Professora)

- Que legal! Vocês estão gostando crianças? (Coordenadora se dirigindo às crianças da sala)
- Sim!! (As crianças responderam em coro)
- Hoje é o dia que mais gostei da aula! (Relatou o aluno que apresenta dificuldades na leitura e escrita).



Figura 6: Alunos fotografando em sala de aula.

Figura 5: Alunos fotografando em sala de aula.

No último horário de aula, a professora fora de sala com as fotos em mãos e empolgada mostra para a colega, que após elogiar, faz a seguinte observação:

- Está tudo muito bonito e lindo, mas gostaria de te lembrar, que semana que vem são as avaliações e temos que providenciá-las. (Colega.)
- Nossa! Havia me esquecido! Vamos chamar as outras professoras para que possamos estabelecer as questões das avaliações mensais? (Professora)
- É! Todos vocês esqueceram! Quem vai digitar as próximas avaliações?
- Não sei, pois estou apertada. Vamos conversar com o grupo e verificamos quem poderá digitar. (Professora).

A concepção de espaço e tempo na escola reflete diretamente na questão da autonomia da professora. É o momento de parar e repensar o avaliar. A qualidade da atuação do professor não pode depender somente dele. É necessária a participação conjunta dos profissionais para tomada de decisões sobre aspectos da prática didática e sua execução. Isso depende do ambiente escolar, do envolvimento direção, da coordenação e demais professores. O professor de certa forma tem sua “autonomia” dentro da sala de aula, mas fora dela, tem que seguir o planejamento “coletivo”, o cronograma estabelecido no “tempo e espaço” da grade curricular. Não é algo difícil de se fazer, mas o problema é quando há um projeto, com objetivos e concepções pedagógicas

e este, para o grupo, não encaixa na grade curricular, por questões de tempo e espaço. Como relata uma criança em sua avaliação de trabalho:

- Professora, eu estou fazendo um filme igual a esse da escola, em casa! (Carlos se dirigindo a professora)
- É mesmo! E qual é a história? (Professora)
- O Caso das Bananas! (Carlos)
- O Caso das Bananas? Você já fez o cenário e os personagens? (Professora)
- Não! O cenário eu já tenho. Agora estou desenhando as personagens. (Carlos)
- Como assim? Explica melhor. (Professora)
- É que minha mãe comprou um livro com o cenário e o molde dos desenhos. (Carlos)
- Ah!!! Você tem o cenário. Mas você tem o molde de todos os animais? (Professora)
- Não, professora! Eu estou colocando na minha história os animais que tenho o molde. Não é bem a história do Caso das Bananas. É do tipo da história. (Carlos)
- Inteligente, hem? Mas porque você não escreveu outra história? (Professora)
- Escrevi também!!! Você não entendeu!!! Eu fiz duas histórias. (Carlos)
- Sim. E qual é a outra história? (Professora)
- É O mundo dos filhotes. (Carlos)
- Nossa!!! Quando estiver pronta a sua história, você vai mostrar pra gente? (Professora)
- Mostro. Mas vai demorar um pouquinho. (Carlos)

Carlos percebeu que várias habilidades teriam que ser colocadas em práticas para realizar o filme. Essa criança tem consciência de que o processo é demorado para chegar a um bom resultado. Sua autonomia, sua percepção crítica na realização desse trabalho estão presentes em seu relato.

Finalizada as provas trimestrais, voltaram a dedicar ao filme de animação. O momento era da gravação do áudio da história. A professora escolheu quatro crianças. Os alunos foram para a quadra participarem da educação física e os outros quatro ficaram para a gravação do roteiro do filme. A gravação foi feita pelo celular. Na sala de aula, colocaram o celular no centro da mesa e as quatro crianças em volta dela. Elas iriam fazer a leitura do texto. Havia o narrador, a voz do macaco, da coruja e a voz dos restantes de animais assumidas por um quarto aluno. Em meio à gravação falhas foram cometidas dificultando a conclusão do curta. A fala de um entrava antecipadamente na fala do outro, ou a criança se perdia na leitura, barulhos no segundo andar da escola, contudo eram situações presumíveis.

Para que as crianças não se perdessem na fala ou mesmo na leitura, foram feitas marcações coloridas no texto. O verde representava a fala do macaco, o amarelo a do narrador, o vermelho a da coruja e a alaranjada a dos outros animais. Isso facilitou bastante a gravação realizada. Na semana seguinte, escolheram um lugar mais

adequado, com a possibilidade de não serem incomodados com barulhos externos. As crianças permaneciam animadas e se prontificavam para as novas gravações.

Nesta etapa do trabalho, a mãe de um estudante procurou a professora perguntando a respeito do filme de animação, pois o seu filho havia comentado em casa. A mãe relatou que a criança estava muito animada e, por coincidência, sua filha mais velha, que estuda em escola particular também estava tendo esta prática na escola.

Prontas as fotos e a gravação, o próximo passo seria a edição. Houve a primeira tentativa de editar no *stop motion*, mas não houve êxito, e o prazo para finalizar o trabalho era curto. Final de ano, avaliações a serem feitas e aplicadas, reuniões pedagógicas, eleição para diretor na escola.

A tecnologia está presente em nosso cotidiano, mas nem sempre há domínio sobre ela por várias pessoas. O tempo do professor é complicado. São dois horários efetivos de trabalho, e a noite tem que dar atenção aos filhos e a casa. Cobranças com avaliações internas e externas, planilhas de conteúdo, correções de provas, atendimento aos estudantes com dificuldades de aprendizagem. Com tudo isso, a prioridade dada às aprendizagens para utilizar equipamentos tecnológicos, que muitas das vezes facilitariam a vida do professor, fica como segunda opção. E quando vem a necessidade imediata, ele percebe que tem que adquirir novas competências para desenvolver suas aulas. O professor nunca está pronto para ensinar, é um constante pesquisador e experimentador, na busca de novos caminhos pedagógicos.

O passo a passo foi explicado para os alunos, em qual programa que seria editado o filme e como era realizado esse processo, embora não fossem eles os editores, devido à falta de experiência da professora e o tempo. Após isso, enviaram o enredo, as fotos e a gravação para uma terceira pessoa, que finalizaria a edição.

Pronto o filme de animação, os pais e demais alunos da escola foram convidados para uma sessão cinematográfica, à noite, com direito a refrigerante e pipoca. Antes de realizar a sessão, no dia anterior, o filme de animação foi testado a fim de verificar se tudo estava de acordo. As crianças insistiram muito para assistir o teste. Dessa maneira, os alunos poderiam incentivar os pais a comparecer no dia posteriormente marcado. Ficaram surpreendidas ao ver a produção fílmica na tela. Cantavam e repetiam as vozes dos animais. Afinal, era a produção deles que estava na tela.



Figura 7: Convite

No dia oficial da estreia, a presença dos pais foi um sucesso, pois os filhos já haviam comentado, despertando-lhes a curiosidade. Vieram pais, mães, tios e avós. O auditório ficou lotado. Havia pais que durante o ano letivo, não participaram de reuniões trimestrais, porém, neste dia, se fizeram presentes. Certo aluno, coprodutor do curta havia passado por uma intervenção cirúrgica na perna, no período da tarde. Ainda assim, insistiu com os pais para que o levassem. Não poderia perder sua estreia como “cineasta”. A expectativa era muito grande.

A parceria entre família e escola é fundamental para o desenvolvimento de aprendizagem da criança. Os pais quando se interessam pela proposta pedagógica da escola e se preocupam com o desenvolvimento escolar de seus filhos, tendem a cooperar mais para que o andamento de atividades pedagógicas tenham sucesso. É fundamental que a instituição familiar e a escolar apresentem valores e objetivos distintos, pois uma cuida do filho e a outra, do aluno. É válida a troca de experiências, o diálogo e a abertura entre elas. Escola e família trabalhando isoladamente em função do desenvolvimento sócio cognitivo e afetivo da criança, podem levar a um descontentamento de ambas as partes, e possivelmente o fracasso escolar da criança. O intercâmbio entre família e professores pode ser um canal de orientação para que os pais melhor entendam os problemas que possam surgir e encontrar outras formas de lidar com estes.

A criança também percebe, quando os seus pais estão mais próximos ao auxiliar nas tarefas, no dialogar, ao dar opiniões etc. Nesse contexto, se sente mais segura e confiante em relação aos pais, educadores e demais profissionais. O estudante sente que, não só é ela que faz parte daquela comunidade escolar, que seus familiares também estão nela inseridos.

Sobre isso, o relato a seguir torna-se um bom exemplo. No dia da apresentação ao público convidado, tão logo foi colocado o CD, o leitor do computador apresentou problema. Uma funcionária da secretaria prontificou-se a ajudar. O seu horário de trabalho havia encerrado, mas ela se dispôs a ficar para solucionar o problema. A direção da escola também tinha compromisso de uma formatura e não poderia ficar até mais tarde

na escola. Houve a tentativa de gravar o filme em um pen drive. Mas como o programa era outro, não compatível com o computador da escola, não tivemos sucesso. Pegamos o notebook que havia na direção e tentamos ligar no data show. Mas, nada. Um pai tentou nos ajudar, mas eram muitos fios e tivemos dificuldade em instalar o equipamento. A direção perguntou a professora porque não havia gravado em pen drive, pois assim não teriam problemas. Após diversas tentativas outro pai também veio auxiliar. A professora preocupada com o horário do compromisso da direção, da secretária e até mesmo dos pais presentes, relatou a dificuldade que estava tendo e se direcionou aos pais, liberando-os, alegando que a intenção era boa, mas infelizmente, a sessão seria adiada. Um casal, pais de um aluno se retiraram do auditório. Os demais permaneceram sentados. A professora ficou mais tensa, pois percebeu que os pais queriam muito assistir o trabalho de seus filhos. A imagem apareceu, mas o áudio não. A direção pediu para que a professora contasse a história, e assim foi. Ao iniciar a história, a professora introduziu uma palavra que não estava no roteiro e logo foi interrompida por um aluno:

- Professora, não é assim! Você está contando tudo errado.
- Ah bom! Por que então, vocês não contam? Eu sei contar é assim.
(Professora)
- Eu sei... Eu sei essa parte. (Ana)
- Ana levantou e foi para frente à tela, e começou a fala do canguru.
- Eu sei esta parte. (Gritou outro aluno)
- Um pai resolveu pegar o microfone e se direcionou a criança que começou a falar.
- Por favor, dê licença, eu quero ver. (A mãe se dirigindo ao pai, que estava a sua frente, com o microfone na mão).
- Mas que legal! (Uma voz de um pai, no fundo do auditório).

A essa altura, professora já estava prestes a chorar, pois o que ela tinha programado para aquele momento parecia uma bagunça.

As imagens *making off* surgiram na tela. A professora contou para os pais que junto ele, tocava a música Aquarela. Imediatamente, eles começaram a cantar. As crianças apontavam os colegas na tela, dizendo o nome de cada um.

Enfim, a bagunça virou uma emoção total. No final, os pais abraçaram a professora, parabenizando-a e agradecendo pelo trabalho realizado com seus filhos.

A questão tecnológica nas redes de ensino de Belo Horizonte é um problema constante. Os computadores são ultrapassados e, na maioria das vezes, não condizem com programas atualizados, que proporcionam as técnicas específicas a serem utilizadas para realização de um filme ou exibição do mesmo. O professor tem que se garantir de

todas as formas, levando recursos próprios para que não ocorram problemas como esses, ou realizar adaptações condizentes aos recursos da escola.

CONCLUSÃO

O trabalho realizado na Escola Municipal Professora Modesta Cravo resultou em uma nova prática de ensinar e aprender. Despertar o interesse dos estudantes pela arte cinematográfica é de suma importância nas escolas, pois o cinema nos leva a exercitar a criatividade, a conhecer e utilizar novas linguagens que por muitas vezes são tolhidas no ambiente escolar.

Os estudantes atuais vivem em um mundo do conhecimento dinâmico. O saber do agora, pode não ser o mesmo do amanhã. E com toda essa velocidade, é necessário que nossos alunos tenham experiências diversificadas para que saibam utilizar estratégias na resolução de problemas.

As novas tecnologias estão presentes na sociedade contemporânea e utilizá-las na prática de ensino, é fundamental. Fotografar, gravar e editar são ações já presentes no dia a dia das crianças, e a utilização desses recursos para se criar um simples filme de animação contribuíram significativamente na aprendizagem da leitura e da escrita, como também na socialização com seus pares.

O objetivo inicial do plano de ação é a experimentação de se fazer cinema, desenvolvendo a compreensão da linguagem cinematográfica, produzindo conteúdos de forma lúdica, imaginativa e criativa, aliada à cultura literária infantil. No decorrer do trabalho, esses objetivos foram se ampliando, devido a uma nova visão de cinema na escola. O cinema passa a ser visto como possibilidades de ampliação de conteúdo. A fruição, a experiência do educando diante do filme, devem ser observadas e pontuadas.

O uso do cinema em sala de aula levou as crianças a desenvolverem a leitura de imagens em movimento, a compreensão e produção de narrativas, prevendo os possíveis desenvolvimentos da história. O estímulo e o interesse dos estudantes provocadas pelos filmes incentivaram-nas a produzirem textos mais criativos. Elas perceberam que a imaginação pode ser extrapolada para o mundo das letras. A magia e o encantamento estão mais presentes. Elas entram na história, querem realizar o reconto, desenhar e criar novas produções. Surpreendente são as produções de textos dos alunos, após a realização do projeto. Os estudantes não se contentam em escrever a metade de uma folha ofício. A criatividade vai muito além de um simples texto e isso é muito gratificante

para o professor.

Além disso, os alunos desenvolveram um olhar mais crítico em relação aos filmes. Tornaram-se mais seguros ao opinarem com veemência em relação ao roteiro e imagens do curta. Essa iniciação crítica dos filmes cinematográficos consiste em algo relevante uma vez que propiciam a ampliação da capacidade comunicativa na linguagem oral e escrita.

Problemas durante o processo ocorreram. Houve a necessidade de interrupção na exibição dos curtas durante cerca de duas semanas. Um dos motivos foi à falta de professores e a sala de vídeo - ocupada pelas turmas de profissionais faltosos. Dentre outros motivos destacam-se o período das avaliações mensais e os problemas técnicos com o computador incompatível com os DVS. Contudo, nenhum desses problemas impediu a finalização do projeto, porque o grupo de alunos e a professora tinham uma meta: A estreia do filme.

REFERÊNCIAS

- CURADO, Maria Eugênia. **Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação?** V.1; nº9. Ed.Temporis,2007, Goiás.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2009.
- FANTINI, Monica. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares experiências no Brasil e na Itália.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.UFSC.br/123456789/88793>. Acesso: abril/2014
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora da escola”** - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p., 127.
- GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, T.T, MOREIRA, A.F. (orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- HOLLEBEN, Índia Mara Aparecida de Souza. **Cinema e Educação: Diálogo Possível.** Disponível em: WWW.diaadiaeducação.pr.gov.br. Acesso: abril/2014.
- LIMA, Elvira Souza. **Imaginar é preciso, sempre!** Revista Presença Pedagógica, nº 94, ano 2010.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar cinema na sala de aula.** 4ª ed., São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- NEVES, F.M. **Filmes e desenhos animados para o ensino fundamental: Kiriku e a feiticeira.** In: RODRIGUES, E. ROSIN, S.M. (org.). Infância e práticas educativas. Maringá: Eduem, 2007.
- PARAÍSO, M. A. **É possível fazer um currículo desejar?** In: PARAÍSO, M. (Org.). Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: CRV, 2010, p. 153-168
- Parâmetros Curriculares Nacionais: **Introdução aos parâmetros curriculares Nacionais**/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed., Brasília, 2001.
- SARAIVA, Juracy Assmann (org.). **LITERATURA E ALFABETIZAÇÃO: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001. 235p
- SILVA, Maria Carolina da. **Currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetividade dos/as infantis.** In: PARAÍSO, M.A. Org.). Pesquisas sobre Currículos e Culturas. Curitiba: CRV, 2010, p.117-130.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. (org.). **A escola vai ao cinema**. 3ªed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.

Filmográfica:

Aprender a Aprender- Diretor: Josh Burton.

<https://www.youtube.com/watch?v=GvsEqthCTxU>. Acesso em Julho/2014.

O Monge e o Cãozinho – Diretor: Sérgio Luiz.

<https://www.youtube.com/watch?v=NBXFP2fdjKA>. Acesso em julho/2014.

Parcialmente Nublado – Diretor: Peter Sohn-PIXAR

<https://www.youtube.com/watch?v=INTu76zS-MY>. Acesso em julho/2014

Fluffy Mc Cloud – Diretor: ConorFinnegan.

<https://www.youtube.com/watch?v=gMZVJym5Atw>. Acesso em julho/2014

A maior flor do mundo – Diretor: Ruan Pablo.

<https://www.youtube.com/watch?v=mFfGzmS7aFI>. Acesso em julho/2014

Lição de Vida – Diretor :Ilceu G. Araújo

<https://www.youtube.com/watch?v=HXQcHXwfbkk>. Acesso em julho/2014

João o galo desregulado- Diretores: Camila Carrocine e Lê Camargo

<https://www.youtube.com/watch?v=ctW2uUtbofQ>. Acesso em julho/2014

O menino Terra – Projeto Animando Vidas – Coordenação Hygor Amorim

<https://www.youtube.com/watch?v=CruavKVEtus>. Acesso em julho/2014

Segunda Chance – Projeto Animando Vidas – Coordenação Hygor Amorim

<https://www.youtube.com/watch?v=CruavKVEtus>. Acesso em julho/2014

As Aventuras de um Rabanete – Projeto Animando Vidas – Coordenação Hygor Amorim.

<https://www.youtube.com/watch?v=CruavKVEtus>. Acesso em julho/2014

Vida de Vaca – Projeto Animando Vidas – Diretores Hygor Amorim e Rodrigo Assat.

https://www.youtube.com/watch?v=Oto2P_sCcTM. Acesso em julho/2014.

ANEXOS

O Caso das Bananas

Produção coletiva Turma do 1º ano/1º Ciclo.

Era uma vez um macaco que morava na floresta e gostava de bananas.

Certa Madrugada, ao acordar, o macaco Caco que é muito Sapeca não encontrou o seu belo cacho de bananas e foi logo Chamando dona coruja, a mais famosa e esperta detetive da mata.

- Dona Coruja! Ajuda-me! Roubaram o meu cacho de bananas.

A coruja para dar início a sua investigação perguntou ao macaco:

- Você conhece algum suspeito?

- Dona Coruja, existe um bicho estranho na mata que veio da Austrália e tem uma grande bolsa na barriga.

-Tem caroço nesse angu. Vou procurar o canguru!

- Dona coruja não fui eu quem roubou, pois na minha bolsa não cabe cacho de bananas, junto com o meu bebê. Mas ainda existe um bicho esquisito, com um rabo bem comprido e pode multiplicar-se por quatro.

- Ora...Ora...Ora...Vamos interrogar o lagarto.

- Dona Coruja, não tenho nada a ver com o fato. Mas eu tenho um palpite. Existe um animal muito feroz e com cara de mau.

- Quem será? A onça pintada? Não custa nada ir até lá...

- Dona coruja, posso ter até uma cara de mau, mas não roubei nada! Não quero atirar meleca no vizinho, mas quem tem um pescoção...

- É dona girafa, vamos lá!

- Não fui eu quem roubou. Comer bananas me dá dor de barriga. O que eu gosto mesmo é de folhas fresquinhas! Eu acho que você deveria perguntar a esperta raposa.

- Ora...ora...ora...quero escutar essa prosa.

- Dona Coruja, o meu negócio são galinhas gordas, para mim o ladrão é o rei leão.

- Pelo sim, pelo não, vamos conversar com o leão.

- Banana? Arre!!! Eu lambo os beiços é por um belo pedaço de carne. Eu acho que para desvendar esse mistério, procure um bicho rastejante que sobe em árvores e não tem patas.

- Mãos à obra, vamos procurar a dona cobra.

- Não...Não...Não... O que eu gosto é de um belo rato. Aliás, já comi um hoje. Não sei quem é o suspeito, mas lhe dou uma dica: procure de A a Z.
- Ah! Acha! Será que é a zebra?
- Eu! Coitado de mim. Nem estava aqui! Fui visitar o meu contra parente cavalo. Mas quem poderia agarrar o cacho de bananas sem ter uma grande tromba?
- Pode ser o elefante! Avante!
- Dona Coruja, eu estou resfriado e tenho alergia a bananas. Que tal procurar um bicho que pode ver tudo bem lá do alto?
- Já sei! Vou procurar o bem-te-vi.
- Eu vi sim. E vi muito bem! O senhor macaco comeu todas as bananas durante a noite. Mistéeeeeerio.... Ele estava dormindo.
- KKKKKKK, então é isso!!! O meu amigo Caco é sonâmbulo! Não dá para acreditar!